

# ‘Escola deve ensinar sexo saudável e não abstinência’, diz pesquisadora

*Vera Vieira é doutora em Comunicação e Feminismo pela USP e diretora executiva da Associação Mulheres de Paz*

**[\(Universa - UOL | 28/10/2021 / Por Luiza Souto\)](#)**

Uma pesquisa inédita obtida por **Universa**, feita pelo Datafolha e coordenada pela Associação Mulheres de Paz com professores do ensino fundamental público de São Paulo, mostra que 3 em cada 4 desses docentes já presenciaram atos ou falas discriminatórias contra estudantes. No ranking desses preconceitos, 25% dizem presenciar frequentemente casos de [racismo](#), 23% são testemunhas constantes de [gordofobia](#) e 19% presenciam a [homofobia](#) diariamente dentro das escolas.

O documento mostra também violência contra professores: 50% desses profissionais disseram na pesquisa que foram vítimas de algum tipo de discriminação — entre as pessoas [negras e pardas](#), esse índice é de 60% e, entre brancos, de 43%.

A desinformação também está presente no meio e é apontada como um dos fatores para o preconceito: o estudo revelou que o [sexismo](#) — atitude discriminatória que define quais usos e costumes devem ser respeitados por cada sexo — e a [transfobia](#) — discriminação contra a pessoa trans, ou seja, que se identifica com gênero diferente daquele que nasceu — são os termos sobre os quais professores têm menos informação. No total, foram realizadas 285 entrevistas com profissionais da rede pública paulista, entre julho e agosto desse ano.

Com o retorno às aulas presenciais após mais de um ano de escolas fechadas para conter o avanço do [coronavírus](#), a expectativa é que professores se desdobrem, junto aos responsáveis, para estreitar relações de confiança com os alunos e, assim, reduzir os índices de violência. A avaliação é da jornalista

Vera Vieira, doutora em Comunicação e [Feminismo](#) pela USP (Universidade de São Paulo) e diretora executiva da associação.

**[Acesse a matéria no completa no site de origem](#)**